LOGOS

Winston Churchill em *The Crown*: a velhice e suas representações na Modernidade

Winston Churchill in The Crown: old age and representations in Modernity

TATIANA SICILIANO
Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da PUC-Rio. Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional – UFRJ. E-mail: tatianasiciliano@puc-rio.br

ANA PAULA GONÇALVES
Doutora do PPGCOM da PUC-Rio. Email: anapaulagsgo@hotmail.com.

VALMIR MORATELLI
Mestre em Comunicação e doutorando do PPGCOM da PUC-Rio. Email: vmoratelli@gmail.com.

RESUMO
Este artigo pretende discutir a representação da velhice na modernidade, tendo como objeto de análise uma cena da primeira temporada da série estadunidense *The Crown*. Nela o então primeiro-ministro Winston Churchill, ao completar 80 anos, se incomoda com um quadro em sua homenagem, no qual aparece retratado sem suavizar seus traços envelhecidos. Ao renegar sua imagem na tela, e nas discussões com o pintor ao longo da elaboração do quadro, Churchill percebe a sua fragilidade. Partindo da descrição dessa cena fictícia, mas baseada em acontecimentos, serão analisadas as representações da velhice masculina na modernidade, com o intuito de discutir o quanto a experiência etária se torna complexa no mundo capitalista, alterando o campo simbólico e dando novos significados para o papel do idoso na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: ficção seriada; velhice; masculinidade.

ABSTRACT
This article intends to discuss the representation of old age in modernity, having as object of analysis a scene from the first season of the American series *The Crown*. In it, the then Prime Minister Winston Churchill, at the age of 80, is bothered by a painting in his honor, in which he appears portrayed without softening his aged features. By disowning his image on canvas, and in the process with the painter throughout the preparation of the painting, Churchill realizes his fragility. Departing from the description of this fictional scene, but based on facts, they will be analyzed as representations of male old age in modernity, in order to discuss how complex the age experience becomes in the capitalist world, changing the symbolic field and giving new meanings for the role of the elderly in contemporary society.

Keywords: *audio-visual; old age; masculinity.*

INTRODUÇÃO

"Qual seria a sua idade se você não soubesse quantos anos você tem?"

(Confúcio, pensador chinês)

O objetivo desse artigo é pensar a velhice na modernidade tendo como objeto de análise uma cena emblemática da primeira temporada da série estadunidense *The Crown*, produção original da empresa de streaming Netflix, que estreou em 2016. Tal cena, inserida no nono episódio da temporada, mostra o então primeiro-ministro britânico, Winston Churchill [1874-1965], representado pelo ator John Lithgow, indignado com sua foto retratada para um quadro comemorativo de seus 80 anos. Churchill não se reconhece na pintura, por não suportar a possibilidade de assumir a velhice que lhe traria consequências para a atuação e imagem como homem público e político. Mais adiante propõe-se detalhes da cena, especificamente. Aqui, justifica-se a escolha desta para o debate sobre a complexa relação existente entre o projeto de modernidade e a representação da velhice masculina.

Para isso, faremos uso da metodologia comparativa entre uma obra audiovisual atual e quadros de pessoas idosas retratadas no final do século XIX como recurso de análise, permitindo-se que se entre em contato com essas imagens e se questione as transformações como se interpreta a velhice ao longo da história do Ocidente. Na segunda parte da análise tratemos, nesse intuito, algumas obras do francês Paul Cézanne [1839-1906] e do holandês Vincent Willem van Gogh [1853 – 1890], por serem dois renomados artistas que transitam entre o impressionismo do final do século XIX e o pós-impressionismo do século XX; ou seja, ambos em consonância com as transformações de pensamento que imperam no Ocidente, a partir da revolução Industrial.

O intuito é usar a representação (HALL, 2013) inserida na narrativa ficcional, promovendo assim uma releitura de um evento ocorrido, para então se discutir a relação entre velhice e modernidade. Neste aspecto, é importante mencionar o papel da mídia como importante pilar da construção de representações sociais. A série *The Crown* contribui na perpetuação de estereótipos e na propagação das representações de velhice que vão influenciar a cultura moderno-contemporânea e, no caso, as próprias reações do personagem em questão.

The Crown conta a trajetória da rainha Elizabeth II, desde o casamento em 1947 aos dias atuais, com o foco em seu reinado, após a morte de seu pai, o rei George VI. Criada por Peter Morgan, a série gravada na cidade de Cambridgeshire, Inglaterra, estreou em 2016 e está até o momento de conclusão do texto, com quatro temporadas disponíveis na plataforma Netflix. O argumento principal da produção apresenta uma versão do cotidiano da realeza britânica, e a verossimilhança com os fatos acontecidos se dá através da utilização de cenários e figurinos,

além da interpretação de fatos encontráveis na imprensa. Há um jogo ficcional entre os fatos relatados nos veículos de comunicação e o roteiro da série. O próprio escritor frisa em entrevistas que a série se trata de uma ficção baseada na realidade. Apesar disto, de acordo com nossas pesquisas, com algumas diferenças que fazem parte do processo narrativo da ficção, o evento em torno do quadro citado para este trabalho realmente aconteceu. Não exatamente como na série, mas com o mesmo sentido: o horror do primeiro-ministro ao ver sua imagem pintada.

Aqui, importou-nos mais o fato que a cena em si: "Que a arte possa ressoar através do tempo e do espaço é uma ideia familiar, mas em geral ela diz respeito ao efeito retroativo de práticas presentes sobre as passadas, como ocorre nos registros de revisão literária, de T.S. Eliot a Harold Bloom" (FOSTER, 2021, p.21).

Tal como citado acima, Foster (2121) discorre sobre memória e em como lembranças e fatos podem ser alinhados de acordo com o que a arte retrata. No caso de The Crown, a cena analisada é uma narrativa fictícia de um horror pela fotografia de si mesmo: além de ter sido guardada e não exposta no Parlamento, sabe-se que, quando Churchill morreu, sua mulher, Kathleen Barry [1927-1980], destruiu o quadro. Atualmente não existe conhecimento de onde estariam os destroços da obra, fato citado em algumas de suas biografias, a última de Andrew Roberts (2020), lançada recentemente no Brasil.

Antes de entrarmos na discussão sobre a série, faz-se necessário trazer as definições que envolvem conceitos levantados pela cena de Churchill. São eles: velhice e masculinidade. Sobre velhice, Pierre Bourdieu (1983) já definira que a produção das categorias de idade é uma criação arbitrária, porque envolve luta política pela redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo da vida. Por isso Bourdieu afirma que, ao tratar das divisões por idade, é um reflexo profissional do sociólogo, recordar que elas são uma criação arbitrária, logo, socialmente construída.

Seguindo o marco definido pela Organização das Nações Unidas (ONU), é considerado idoso o indivíduo com idade superior ou igual a 60 anos[4]. Já a literatura geriátrica considera idoso o indivíduo a partir dos 65 anos, como também definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS)[5]. Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem as idades em: idoso jovem, dos 66 aos 74 anos; idoso velho, dos 75 aos 85 anos; dos 86 em diante ocorre a manutenção pessoal. Tais variações se refletem também nas diferentes metodologias de pesquisa, conforme será melhor detalhado mais à frente.

Quanto à masculinidade, é sabido que "há uma construção autorizada de normas que privilegiam os traços da masculinidade e, de forma associada, uma desqualificação generalizada das coisas codificadas como femininas" (DANTAS, 2019, p. 75). Como bem aponta Fernanda Dantas, diferentes autores já identificaram a relação cultural entre liderança e masculinidade, como Kellerman (1984), French e Raven (1984) e Eagly e Carli (2004). Isso porque a maioria dos

líderes políticos foram homens. "Pelas mesmas razões culturais – e mais – as pessoas podem ter dificuldades em ver o potencial de liderança de uma mulher, confiar que qualquer mulher pode liderar bem ou estar disposto a legitimá-la como líder, mesmo que ela tenha uma posição formal" (DUERST-LAHTI, 2006, p. 9). É no atravessamento desses conceitos que discutiremos a representação do corpo masculino idoso na visão de mundo moderno.

UMA REPRESENTAÇÃO PARA CHURCHILL

A primeira temporada de *The Crown*, que estreou em 4 de novembro de 2016, conta, em dez episódios, a ascensão ao trono da rainha Elizabeth II – desde seu casamento em 1947, o início do reinado e sua relação com o primeiro-ministro Winston Churchill; terminando com a renúncia de Churchill e a decisão da irmã de Elizabeth, a princesa Margaret, de não se casar com Peter Townsend.

A relação entre a jovem rainha e seu primeiro-ministro é o mote da narrativa ficcional. Cada temporada faz menções à vida política e pessoal de vários personagens históricos do reinado britânico. Na de estreia, a então princesa Elizabeth (interpretada por Claire Foy) dá seus primeiros passos em direção ao trono, após a morte do pai em 1952, em decorrência de um câncer. Ao assumir a coroa aos 25 anos, Elizabeth passa a ter audiências semanais com o primeiro-ministro Winston Churchill, 41 anos mais velho, tendo ele 66 anos portanto.

Churchill foi primeiro-ministro britânico por duas vezes – de 1940 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial; e de 1951 a 1955, já na fase pós-guerra. Ao longo da narrativa, percebe-se o quanto o primeiro-ministro serve como uma figura que, ao mesmo tempo, desafia e fornece lições para Elizabeth. Já no fim do seu primeiro mandato, Churchill protagoniza uma situação inusitada. É ao que se assiste no nono episódio, intitulado "Assassinos", que nos interessa ao presente trabalho. Em meio a movimentações internas no seu partido para retirá-lo do poder, Churchill tem seu retrato pintado pelo artista inglês Graham Sutherland [1903-1980], servindo como homenagem do Parlamento Inglês ao político.

Ao ser apresentado pelo artista, Churchill estranha quando ele começa a fotografá-lo em situações pouco tradicionais para o cargo que ocupa – sentado, fumando um charuto. Em dado momento, Churchill pergunta se não é melhor ficar em pé, dando a entender que a postura deveria ser mais altiva. Graham explica que faz fotografias para depois pintar, pede que fique relaxado. Dessa forma, o pintor lhe explica que a ideia é fazer uma tela "o mais natural possível". A cena deixa claro o incômodo do político aos 80 anos. É nítida a diferença de época entre ambos: um repleto de

preocupações com a postura e rigidez, e o outro com uma postura mais relaxada, menos formal.

O destaque é a cena que refaz o impacto de Churchill com o resultado final do quadro. Churchill se enfurece ao compreender que a pintura o inferioriza, ao retratá-lo, em sua percepção, como um homem fraco e velho. A indignação de Churchill é real, entretanto, o final do episódio, em que a esposa, Kathleen Barry, queima o quadro, não se sabe se é verdadeira. A obra consta como "uma arte perdida", de acordo com o site da Enciclopédia inglesa Britannica[6].

A cena que apresenta a tela, pela primeira vez, ao primeiro-ministro e, também, ao espectador, é repleta de signos sobre a velhice. Pode-se ver a dificuldade do personagem em subir as escadas, precisando ser amparado no meio do caminho, a ironia do seu discurso dizendo que, após 54 anos no cargo e com a idade avançada, todos esperam pela sua renúncia e, finalmente, o momento em que ele desce o pano e se depara com a arte, em uma expressão de horror com a visão da tela, que desnuda sua condição de homem velho.

FIGURA 1: Churchill é amparado ao ter dificuldades para subir as escadas. Ep. 09/temp. 01.
Fonte: *Reprodução da Netflix*.

FIGURA 2: Seu olhar de reprovação ao ver seu retrato. Ep.09/ temp. 01.
Fonte: *Reprodução da Netflix*.

Logo após a cerimônia retratada acima, acontece a cena do embate entre Churchill e o artista. Churchill renega oficialmente o presente encomendado pelos membros da Câmara Inglesa. Transcrevemos o diálogo a seguir:

Graham Sutherland: - Soube que rejeitou o quadro.

Winston Churchill: - Rejeitei.

GS: - Baseado em quê?

WC: - Aquilo não é um quadro. É uma humilhação! (...) Uma criatura decrépita, barriguda, patética, fazendo força!

GS: - Aceitei a encomenda porque o admirava e saí da experiência o admirando ainda mais.

WC: - Transforma todos a quem admira em monstros? (...) Não é uma imagem fiel de mim! É cruel!

WC: A idade é cruel. Se vê decadência, é porque ela existe. Se vê debilidade, é porque ela existe. Não posso ser culpado pelo que é. Eu me recuso a esconder e disfarçar o que vejo. Se está brigando com alguma coisa, não é comigo. É com a sua própria cegueira.

O artista demonstra uma sinceridade que muito provavelmente não aconteceu. Entretanto, este embate é um interessante pano de fundo para que a produção da série mescle dois fatos reais, em formato ficcional e com enredo: a arte que realmente não agradou o primeiro-ministro e sua decisão de deixar o cargo. Isso porque, logo após a conversa com o artista, Churchill admite para sua esposa ter sido fielmente representado: está cansado. A cena seguinte é a de Churchill com a rainha, despedindo-se do cargo.

Ao estudar as representações sociais, Stuart Hall adverte que elas tanto podem ser produtos que diferenciam quanto de exclusão: "Identidades emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão" (HALL, 2013, p.110). A cena escolhida para análise é boa para pensar a complexa leitura da velhice em nossa sociedade.

A tela, naturalista, mostra um senhor curvado, que em nada lembra as usuais representações de pessoas poderosas, tais como era de se esperar em relação ao personagem em questão. Será que a sua ojeriza ao quadro nasce a partir de uma possível decadência física; ou a consciência da velhice surge ali, ao se ver sem a pompa e a aura de poder? Em ambos os casos, podemos dialogar com a questão com a qual a velhice é tratada na modernidade, explanação que faremos a seguir.

FIGURA 3: A tela que foi renegada por W. Churchill.
Fonte: *https://www.publico.pt/2016/03/05/culturaipsilon/noticia/o-retrato-que-churchill-odiou- 1725341*

É preciso relacionar o incômodo de Churchill com sua associação imediata a uma categoria específica, a da velhice, alinhada à ideia de progresso linear e à rotatividade de bens na modernidade. O desconforto do personagem não está apenas associado à reprodução de sua imagem envelhecida, mas também ao fato de ela estar retratada em um quadro (e não em uma fotografia, por exemplo). Um quadro tem um peso simbólico emblemático, reproduz uma ideia de registro histórico e artístico, além de ter função decorativa em exposição, quase sempre, permanente em palácios e museus.

A irritação de Churchill tem uma explicação que vai além do aspecto do olhar sobre si mesmo, mas também sobre a possibilidade de compreender que este olhar remete ao seu novo lugar, que renuncia o comando, distanciando-o do poder que sempre teve enquanto homem em uma sociedade sob o domínio masculino. A velhice masculina, neste ponto, é marcada pela perda da altivez, do enfraquecimento de seu falocentrismo físico. Se a velhice feminina é caracterizada a partir da queda hormonal que impossibilita a gravidez – "produtividade" socialmente conferida às mulheres –, a velhice masculina é tardiamente definida, quando sua potência sexual já não corresponde à ideia de virilidade. Isso porque cabe ao homem ser "dominador, terrível e belo, para que, combatendo com furor, seja terrível para seus inimigos" (VIGARELLO, 2006, p.22).

A oposição entre as qualidades de ambos os gêneros se dá no momento que se acentua o fato de que, nos homens, se pressupõe "o corpo robusto feito de força, o queixo e grande parte das bochechas providos de pelos, a pele rude e espessa porque os costumes e condições do homem se acompanham de gravidade, severidade, audácia e maturidade" (2006, p.25).

Conforme Kimmer e Aronson (2003), a velhice masculina não é delimitada por uma mudança biológica precisa, como a feminina que tem a menopausa como um rito de passagem. A medicina costuma classificar como "climatério masculino" uma série de sintomas com o avanço da idade, "incluindo perda da libido e potência, nervosismo, depressão, memória prejudicada, incapacidade de concentração, fadiga, insônia, afrontamentos e suores"[7] (2003, p.489), mas tais sintomas reduzem ou desaparecem quando recebem reposição de testosterona. Assim, a questão reprodutora não se aplica no homem, por "continuar a reproduzir na velhice".

Levanta-se a possibilidade de se compreender como o corpo masculino deixa de ser ativo e passa a ser o passivo na ação. A perda de tais características físicas vai provocar um deslocamento desse homem (KIMMEL, 2005), agora instruído a se recolocar na invisibilidade, numa improdutividade que se antagoniza com os preceitos do mundo capitalista. Como se verá a seguir, este homem, agora idoso, perde a função de comando e voz, e passa a ter que lidar com uma "redescoberta do seu corpo" (2005, p. 37-38): que perde o valor simbólico anterior, para agregar características de subvalorização, de decrepitude.

O LUGAR DA VELHICE

Com o advento da Revolução Industrial[8] permitiu-se um avanço tecnológico jamais antes visto, o que acarretaria novas formas de desenvolvimento econômico e relações sociais. Todo esse engenhoso desenvolvimento culminou na alteração das formas de vivenciar relações pessoais (BOURDIEU, 1983; BERMAN, 1986; PAZ, 1984; ELIAS, 1994), entre elas "a figura do velho foi restringida ao âmbito da tradição familiar, pois o conhecimento estaria ligado, a partir de então, à produtividade" (ARAÚJO, 2011, p. 471). Neste entendimento, velhice é reforçada como sinônimo de decadência, de inutilidade. Se existe esta carga simbólica em relação ao idoso, isso se deve, em parte, às alterações significativas do século XVIII.

> (...) Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo

> pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nessa dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda (SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008, p. 2).

O "descarte", usando o termo empregado por Schneider & Irigaray (2008), vem também das modificações de compreensão sobre o corpo humano. O ciclo biológico não é o único aspecto ressaltado (ARAÚJO, 2011, p. 471), pois o corpo assume conotação simbólica que resulta das construções sociais, cuja imagem ideal é a da saúde e da beleza associadas à juventude (BLESSSMANN, 2004). No novo contexto é preciso ser útil para ter serventia. A eficiência do mais jovem ganha respaldo diante das poderosas máquinas que foram substituindo os lentos movimentos manuais.

Com o advento da Modernidade, a criação das instituições modernas – a escola, o Estado, o direito, o trabalho industrial etc – se baseou diretamente no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização (ou normalização) do curso da vida. A pesquisa antropológica demonstra que a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos (DEBERT, 1998, p.9). Ainda assim, é a valorização de uma classificação numérica dos limites de idade, imposta e reconhecida pela sociedade moderna como meio de organização, que também passa a definir a velhice. Bourdieu (1983) elucida que a alteração das categorias de identidade envolve luta política, pretendendo uma redefinição de poderes ligados a distintos grupos sociais em diferentes momentos da vida. Para ele, "a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades" (1983, p.112).

Mesmo que as faixas etárias tenham sofrido "várias alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos ao longo dos dois últimos séculos" (GROPPO, 2000, p. 13), as categorias sociais que delas se originaram também sofreram alterações e até supressões. Giraram em torno de termos como infância, adolescência, juventude, jovem-adulto, adulto, maturidade, idoso, velho, terceira idade, entre outros. Ou, como enumera Paz (1984, p.34), valores como "diferença, separação, heterogeneidade, pluralidade, novidade, evolução, desenvolvimento, revolução, história — todos esses nomes condensam-se em um: futuro". Neste contexto, história é compreendida como objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de "agoras" (BENJAMIN, 1987). O projeto de Modernidade equaliza o tempo presente e o passado, criando a ideia de que o bom está por vir, sempre no futuro.

Com a formação das classes burguesas, após o advento do capitalismo industrial (GROPPO, 2000), surge uma categoria chamada de juventude, o que pressupõe a criação de uma denominação oposta a ela, na outra ponta da linha etária, a ser rejeitada. Quando se define juventude também se define velhice. Entre os cavaleiros do século XIII, conforme Elias (2001) reforça, um homem de quarenta anos era visto quase como um velho; nas sociedades industriais

do século XX, ele é considerado quase jovem — com diferenças específicas de classe (2001, p.3). Além da questão de maiores expectativas de vida, isso ocorre porque, por meio da linguagem, o corpo se apresenta como "portador de sentidos". O corpo é compreendido como um conjunto de fatores socioculturais, e sua autoimagem "é reavaliada durante toda a vida conforme a dinâmica do ambiente, e está atrelada a aspectos psicológicos que envolvem a autopercepção" (ARAÚJO, 2011, p. 471).

Voltando à cena na qual Winston Churchill renega sua própria imagem retratada, de certa forma, ele apenas assimila o que, nas sociedades capitalistas, se entende por experiência da velhice, ou seja, algo que não é bem-vindo, "uma ameaça à vida social" (DEBERT, 1999, p. 25). O demógrafo francês Patrice Bourdelais (1997), ressalta que, na França do século XIX, a velhice nas classes abastadas não era designada da mesma forma negativa como era entre as classes populares. O uso de termos como velho *(vieux)* e velhote *(vieillard)* era comum para designar pessoas de idade avançada que não faziam parte da corte. Ennuyer (2020) reforça que as representações sociais da velhice na França carregavam conotação negativa, o que viria a se refletir no pensamento ocidental contemporâneo. Estas representações traduzem a velhice como sendo:

> (...) um mal, uma enfermidade (mesmo uma doença), uma triste idade se preparando para a morte. (...) Esta afirmação é particularmente verdadeira nas sociedades antigas se olharmos para trás. Além das variações nos detalhes, é de fato uma impressão pessimismo geral e de hostilidade à velhice. (...) Mais do que outras idades, a situação dos idosos expressa a ambiguidade da condição humana, vivendo neste mundo, nós os consideramos que já não gostam mais de fazer parte disso (ENNUYER, 2020, p. 3).

Para ilustrar essa ambiguidade, a seguir dois exemplos de pinturas do francês Paul Cézanne [1839-1906]. À esquerda, uma velha senhora humilde, encurvada, rezando com terço nas mãos. À direita, o próprio pai de Cézanne, de sapatos e gorro, sentado em uma poltrona para ler o jornal. A cotidianidade de ambas as cenas traz a ambivalência entre dois tipos de velhice, uma mais abastada – visto que a informação e a leitura eram hábitos de uma classe instruída – e uma mais religiosa, introspectiva, resignada. Ou ainda, seria possível ler outra dicotomia: a velhice feminina e a masculina. Porém ambas são pacatas, presas a um conformismo do tempo, que em nada remetem às ideias de progresso e de futuro, já enaltecidos à época.

Interessante perceber que, tal como Churchill, o pai de Cézanne também aparece sentado. Ao apreciar seu jornal, o idoso retratado não está praticando uma ação firme, empoderada, pelo contrário, está analisando, lendo, se informando das ações que são notícias no mundo. Está, portanto, fora delas.

FIGURAS 4: *Mulher Velha com um Rosário (1896)* e *Louis Auguste Cézanne* (1866), ambos de Paul Cézanne.
Fonte: *Reprodução da internet*

As pinturas de Cézanne permitem ilustrar o surgimento da noção de representação social da velhice ligada ao pertencimento de classe social. De um modo geral, a dupla imagem – velhice aristocrática sábia e reverenciada, por um lado; e a velhice decrépita e miserável de outro – abrange estes dois últimos séculos. O contexto de representações sociais dominantes de uma "velhice-problema" servirá de referência para o Estado.

Agora um outro exemplo de pintor que também retratou a velhice. Com a técnica única do emprego de tinta diretamente do tubo sobre a superfície da tela, o holandês Vincent Willem van Gogh [1853 – 1890], considerado uma das figuras mais influentes da história da arte ocidental[9] pelos trabalhos impressionistas, deu nuances de rugas à pele de suas figuras. Muito além dos famosos girassóis cujas cores saltam aos olhos, os idosos de van Gogh demonstram as marcas do tempo. Os personagens parecem dizer mais do que a exposição de suas aparências exteriores, devido a contrastes de cores complementares que habitam em seu universo subjetivo. As pinturas de van Gogh estão alinhadas com esta nova representação do velho, socialmente plural, mas repleta de simbologias negativas.

FIGURAS 5: Obras de Vincent Van Gogh: *Mulher velha de Arles (1888); Cabeça de uma mulher velha com boné branco (1884); Velho homem fazendeiro (1890); Cabeça de uma velha camponesa (1885); Mulher velha com um xale e bengala (1882); Velho na tristeza (1890).*

Fonte: *Montagem dos autores*

O homem idoso da parte superior está apoiado o que, se supõe, seja uma bengala; já o da baixa inferior está em uma cadeira. Há uma mulher de costas, apoiada em uma bengala. As mulheres têm semblantes deprimidos, tristes, de certa forma conformados com sua situação. Os homens também seguem esta mesma ideia: um de mão no rosto se esconde de vergonha pela sua condição e o outro sem animosidade. Na série, a fala de Graham Sutherland parece resumir o que eles representam, mesmo tendo a contrariedade de Churchill: "Se vê decadência, é porque ela existe. Se vê debilidade, é porque ela existe". A visualidade da decrepitude é, para o artista, uma característica importante de ser registrada em forma de expressões e posicionamento do corpo.

Assim, o idoso do final do século XIX está cada vez mais distante da representação social da juventude, o que possibilita compreendê-lo como uma outra classe social (ENNUYER, 2000), igualmente repleta de diferenciações entre si – sejam de classe econômica, de instrução, idade, gênero, raça etc. É esse idoso que a Modernidade tem como ator social em vigência. Mantém-se a lógica de que é preciso romper para recomeçar, abrir novos espaços para outros agentes (PAZ, 1984). São essas dicotomias que se relevam também na cena da pintura de Winston Churchill em *The Crown*.

Essas formas de se interpretar o ser idoso além do ciclo biológico, agregando eficiência

e atividades relacionadas à produtividade, alteraram seu lugar social. A Modernidade traz a interpretação de uma velhice cada vez mais palpável, no sentido de estar logo ali no tempo quase presente, porque tudo envelhece mais rapidamente no contexto da produtividade e da eficiência. Os indivíduos classificados como velhos são descartados muito antes de sua morte, já na identificação de suas fraquezas (ELIAS, 2001). Isso faz muito sentido quando se utiliza como exemplo o avanço tecnológico nas redes de produção, em que se pensa que apenas os jovens podem se adaptar a mudanças cada vez mais velozes.

Percebe-se que a Modernidade rompe com todas as outras maneiras de pensar. A palavra "ruptura", aliás, é compreendida como necessidade para dar conta de espaços a serem preenchidos pelo novo. Conforme Paz (1984, p. 34), "somos herdeiros do tempo linear e irreversível do cristianismo". Desde o século XVIII, vive-se a primeira época "que exalta a mudança e a transforma em seu fundamento. (...) Não o passado nem a eternidade, não o tempo que é, mas o tempo que ainda não é que sempre está a ponto de ser" (Ibidem). Isso ajuda a explicar como a velhice passa a ser entendida como descarte, visto que agrega simbolismos a serem evitados. "Tradição" é uma palavra datada, ninguém mais quer ser visto como "tradicional".

> (...) Os anos de decadência são penosos não só para os que sofrem, mas também para os que são deixados sós. O fato de que, sem que haja especial intenção, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos e moribundos. (ELIAS, 2001, p. 5)

Citada anteriormente, é pertinente ter a visão de ruptura, que Paz (1984) propõe para classificar a Modernidade, ao se observar como se comporta a história da arte moderna do Ocidente – esta também uma "história das ressurreições das artes de muitas civilizações desaparecidas. Manifestações da estética da surpresa e de seus poderes de contágio, mas sobretudo encarnações momentâneas da negação crítica" (1984, p.21). Tudo, para ser classificado como "novo", precisa desprezar o que é, o que já foi.

Desse modo, entende-se também que na Modernidade se acentua a padronização das diferentes fases – infância, adolescência, idade adulta e velhice. Em sua obra sobre o processo civilizador, Elias (1994) demostra que a Modernidade teria alargado a distância entre adultos e crianças, não apenas pela construção da infância como uma fase de dependência, mas também por meio da construção do adulto como independente, dotado de maturidade, direitos e deveres.

O idoso na categoria de aposentado surge mais comumente no período pós-Revolução Russa, de 1917, com o advento do estado de bem-estar social europeu para fazer frente ao socialismo. O Estado como provedor de sustentos para o cidadão idoso tem relação direta com a produção que o mesmo teve ao longo da vida. Isso porque, desde da primeira máquina a vapor, o trabalho

passou a ditar o ritmo na vida das pessoas, fazendo com que a mesma fosse "revolucionada – novamente, não de forma regular ou homogênea" (HALL, 1997, p.21).

As transformações provocaram rupturas de tradições e a inclusão de novos hábitos na vida cotidiana. Stuart Hall (1997) lista algumas como a diminuição:

> (...) do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços e outros tipos de ocupação, com seus diversos estilos de vida, (...) o declínio das perspectivas de 'carreira' e dos empregos vitalícios dando lugar ao que tem sido chamado de 'flexibilidade no emprego', mas que, frequentemente, constitui uma questão de desemprego não planejado; (...) o aumento de famílias uniparentais e a diversificação de arranjos familiares; o envelhecimento da população, com seus dilemas acerca de uma terceira idade mais longa sem a ajuda do cônjuge, sustentada por generosos programas nacionais de seguros, sistemas públicos de saúde e outros sistemas de benefícios estatais (HALL, 1997, p. 21-22).

Pensar a contemporaneidade em toda sua incerteza – como Marshal Berman (1986) a define – faz sentido, nesta lógica, quando se percebe o quanto o conceito de velhice parece tão indefinido, pois além de volatilidade, carrega interpretações sociais ambíguas que remetem à disputa de poder entre diferentes campos (BOURDIEU, 1989). É na Modernidade que o indivíduo cria a sensação subjetiva da passagem do tempo, posto que antes disso, nas chamadas sociedades tradicionais, a questão geracional estava relacionada a um lugar bem definido na estrutura sociofamiliar. Churchill nega esse entendimento, mas sabe que não pode vencer o tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da definição de uma construção social para a velhice masculina, "uma" porque há vastas possibilidades de construções, discute-se a cena em que o então primeiro-ministro britânico, Winston Churchill trava embate com o pintor Graham Sutherland que o retrata no nono episódio da primeira temporada da série *The Crown*, produzida pela Netflix em 2016.

Neste trabalho propusemos novas leituras para a velhice masculina, experimentada repleta de simbolismos que tiram do homem seu papel central de destaque. O não-reconhecimento de Churchill a sua pintura representa, aqui, essa metáfora do diálogo com o tempo. Desse modo, é primordial entender o envelhecimento em sua pluralidade, por fatores como gênero, classe socioeconômica, herança genética, ambiente cultural, condições de saúde, história de vida etc.,

"de modo a promover outros modos de ser e de comunicar que se contraponham aos ditames que rotulam como deletérias as pessoas mais velhas, equacionando o envelhecimento com falha moral de ordem pessoal" (CASTRO, 2018, p.53). A complexidade contemporânea se assenta em uma população cada vez mais idosa e necessitada de uma integração com o sistema que a gere.

Daí vem a importância de se redefinir a velhice em toda sua amplitude, contrariando a "conspiração do silêncio" (BEAUVOIR, 1990), que a negligencia e invisibiliza. Isso inclui também as análises de representação em diversas produções artísticas, incluindo as narrativas ficcionais no audiovisual. Conclui-se como a aceleração do tempo presente, característica da Modernidade, propõe uma interpretação de velhice cada vez mais próxima do agora, no contexto da produtividade e da eficiência exigidas no mundo competitivamente neoliberal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ludgleydson; SÁ, Elba Celestina do Nascimento; AMARAL, Edna de Brito. *Corpo e velhice*: um estudo das representações sociais entre homens idosos. Psicologia científica prof. Vol.31, Nº 3, Brasília, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLESSMANN, E. J. *Corporeidade e envelhecimento*: o significado do corpo na velhice. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento,* (6), p. 21-39, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. O *poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. "A 'juventude' é apenas uma palavra". In *Questões de Sociologia*. Marco Zero: Rio de Janeiro, 1983.

CASTRO, Gisela. *"Velho é o seu preconceito"*: comunicação e consumo em tempos de longevidade. Revista da ESPM, ano 24, edição 113, nº4. Out/Dez 2018.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. Estrategias para entrar y salir de la modernidad, México: Grijalbo. 1989.

DEBERT, Guita Grin. *"Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice"*. In: DEBERT, Guita Grin. Antropologia e Velhice, Textos Didáticos, n.19, IFCH, 1998.

DA MOTTA, A. B. *Envelhecimento e sentimento do corpo*. In M. C. S. Minayo, & C. E. A. Coimbra (Orgs.), Antropologia, saúde e envelhecimento. p. 37-50. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

DANTAS, Fernanda Argolo. "*Dilma Rousseff*: uma mulher fora do lugar. As narrativas da mídia sobre a primeira Presidenta do Brasil". Tese defendida no PPG Cultura e Sociedade da UFBA, 2019.

EAGLY, Alice H; CARLI, Linda L. *Women and Men as Leaders*. In: ANTONAKIS, J; CIANCIOLO, A.T.; STERNBERG, R. J. The Nature of Leadership. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2004

ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos* - seguido de Envelhecer e Morrer. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ENNUYER, Bernard. *La discrimination par l'âge des «personnes âgées»*: conjonction de représentations sociales majoritairement négatives et d'une politique vieillesse qui a institué la catégorie «personnes âgées» comme posant problème à la société». La Revue des droits de l'homme. 2020. Disponível em <http://journals.openedition.org/revdh/8756>.

FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa?* São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FRENCH, Jr. J.R. P; RAVEN, B. *"The Bases of Social Power."* In: KELLERMAN, Barbara. Political Leadership: A Source Book. Pittsburgh, PA: The University of Pittsburgh Press, 1984.

GROPPO, Luis Antonio. *Juventude*: Ensaios Sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura*: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Media and Cultural Regulation. Kenneth Thompson (Org.). Tradução de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: 1997.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC; Appicuri, 2016.

KELLERMAN, Barbara. *Political Leadership*: A Source Book. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. 1984

KIMMEL, Michael S. *The history of men*: essays in the history of American and British masculinities. State University of New York Press, Albany, 2005

KIMMER, Michael; ARONSON, Amy (edited by). *Men and masculinities*. A Social, Cultural, and Historical Encyclopedia. Volume I: A–J. Library of Congress Cataloging, 2003.

PAZ, Octávio. *Os filhos do barro*. Tradução de Olga Savary, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. *Um toque de clássicos: Marx, Durkhein e Weber*. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ROBERTS, Andrew. Churchill: *Caminhando com o destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHNEIDER, R. H., & IRIGARAY, T. Q. *O envelhecimento na atualidade*: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Estudos de Psicologia, 25(4), p. 137-149, 2008.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

[4] Ver mais em < https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf>. Site do Ministério da Saúde. Acesso em 04/06/2021.

[5] A OMS incluiu a velhice como "doença" na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), a vigorar a partir de janeiro de 2022. Esta mudança é criticada por autoridades médicas e pesquisadores da área das ciências sociais, por entenderem que se reforça o preconceito e interfere no tratamento contra os mais velhos.

[6] Fonte: https://www.britannica.com. Acesso em 08/03/2021

[7] Na tradução dos autores, do original: "male climacteric, including loss of libido and potency, nervousness, depression, impaired memory, inability to concentrate, fatigue, insomnia, hot flushes, and sweating. (...) Men can continue to reproduce into old age, they don't experience male menopause".

[8] Primeira Revolução Industrial, até meados de 1850, marca o surgimento e expansão de máquinas e indústrias na Inglaterra; Segunda Revolução Industrial, entre 1850 e meados de 1945, consolidação do progresso científico e tecnológico pela Europa; Terceira Revolução Industrial, meados de 1950 até os dias atuais, caracterizado pelo grande avanço da tecnologia, informática, robótica e eletrônica, incluindo Japão e Estados Unidos como potências industriais

[9] Ele criou mais de dois mil trabalhos em pouco mais de uma década, incluindo por volta de 860 pinturas a óleo, a maioria dos quais durante seus dois últimos anos de vida.

[10] Para Bourdieu, entender os campos é percebê-los plurais, correspondendo a diferentes mundos, como diversos lugares onde se constroem sentidos comuns. Campo é o espaço de práticas específicas, de história própria, e por isso mesmo espaço de disputas.